

ESTE ANO QUE PASSOU

O ano acaba com o fim da reflexão sobre o tema proposto pelo Movimento, “Ser Pessoa Humana”, primeira parte do tema mais abrangente “Ser Casal Cristão Hoje

lam o nosso comportamento, pedindo respostas rápidas e coerentes. Não podemos nem devemos distanciar-nos, pelo contrário. Somos cidadãos iguais aos outros

***Deixemo-nos de boas intenções sem amanhã
e arrisquemo-nos a tornar-nos vulneráveis
aos apelos que nos chegam.***

na Igreja e no Mundo”. A segunda parte sairá depois das férias, em Setembro.

É tempo de balanço ... Que ganhámos nós ao longo do ano com esta reflexão? Como foi que crescemos, já que é esse o objectivo?

Quem tirou proveito das ocasiões de diálogo em casal e em equipa reconheceu, certamente, que toda a pedagogia do tema se dirigiu para uma maior consciencialização da realidade que nos rodeia e da nossa realidade de cristãos comprometidos com Deus e com os outros, vivendo neste mundo, hoje e aqui.

A nossa sociedade é uma sociedade de características mutantes que interpe-

e solidários com eles, igualmente responsáveis no viver o presente e fazer acontecer o futuro.

Reconhecemos, à nossa volta, atitudes tantas vezes agressivas e desestabilizadoras, outras tantas vezes reveladoras duma grande carência, duma enorme fome de normas morais, valores seguros, factores de crescimento espiritual, testemunhos de vida articulada no dia a dia mas projectada para lá do imediato e não no egoísmo individualista que nos anda a ameaçar a todos, antes para mais alto, antes para mais longe.

São nossas, também, as inquietações que fervilham na sociedade em angústias

mal disfarçadas e que conduzem as pessoas a sentimentos de insegurança, ao vazio e ao medo. O nosso estilo de vida, porventura, não se reconhece muito bem dentro do sistema de coordenadas no qual se definem outros mas isso não nos dá o direito de nos colocarmos à parte. Somos pequenas células do mesmo Corpo. Células eventualmente detentoras de possibilidades de alívio, de factores de transformação para os males de que nos apercebemos, modestos agentes de cura para sofrimentos sem outros remédios.

A nossa reflexão ajudou-nos a despertar para uma maior responsabilização por nós, como pessoas, por todos cujo silêncio brada e por aqueles que caminham no escuro ou na dor, ao lado da nossa indiferença.

Deixemo-nos de boas intenções sem amanhã e arrisquemo-nos a tornar-nos

vulneráveis aos apelos que nos chegam. Permitamos que a nossa consciência nos incomode e que o desassossego venha. Não pretendamos paz a um preço dema-

O nosso Baptismo e a nossa Confirmação estabelecem-nos uma missão à qual devemos fidelidade.

siadamente baixo. Como diz o Padre Varrillon, citado numa das páginas do nosso Tema, “a fé é um compromisso, não uma opinião”.

O nosso Baptismo e a nossa Confirmação estabelecem-nos uma missão à qual devemos fidelidade. As Bem aventuranças indicam-nos o caminho e o andamento do passo. Sobre tudo isto reflectimos. Os que fomos capazes de entender, que tenhamos entendido!

Boas férias!

HELENA E JORGE FONTAINHAS

Carta de John e Elaine Cogavin

Membros da Equipa Internacional

Caros amigos das Equipas,

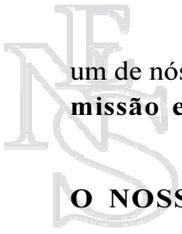
Somos John e Elaine Cogavin e vivemos na Irlanda com os nossos três filhos, de 25, 23 e 17 anos. Somos membros das Equipas de Nossa-Senhora há 16 anos e pertencemos à Equipa Responsável Internacional desde o passado mês de Julho. Esperamos e rezamos para cumprir bem a nossa tarefa ao serviço das Equipas, em espírito de amor e de verdade, dando o melhor de nós mesmos, deixando-nos conduzir pelo Espírito Santo.

Esta nossa primeira carta endereçada a todos vós no mundo inteiro inspira-se no tema de estudo actual «Ser casal cristão hoje no mundo». Este tema encorajava-nos a interrogarmo-nos sobre a maneira de ser pessoa humana e cristã. Pensamos que é importante reflectir no facto de que, pessoalmente, em certas ocasiões, nos sentimos menos pessoa, enquanto noutras sentimos, experimentámos, o sofri-

mento da exclusão, da solidão, do medo ou de ser feridos.

Voltando a esses momentos, lembramo-nos da ajuda, do apoio e do encorajamento que nos foram dados por alguém, atento, que foi capaz de nos envolver com a sua ternura e a seu carinho quando nós mais necessitávamos. Tal atitude pôde manifestar-se sob a forma de um delicado contacto físico, de um olhar de incentivo ou de um sorriso, de um gesto de solidariedade em tempos de solidão. Tal compaixão tocou-nos e libertou-nos do isolamento que sofríamos.

Pensamos que essas pessoas foram importantes nas nossas vidas. Transformaram os nossos temores, a nossa solidão, o nosso sentimento de estar perdidos num espaço de liberdade, de esperança, de reconhecimento pessoal. Tomámos então consciência do quanto cada



um de nós é chamado a realizar **uma missão enquanto pessoa.**

O NOSSO DESAFIO

Muito frequentemente, neste nosso mundo perturbado, é por demais fácil não estar atento às rupturas, às feridas, à solidão que existem em volta de nós. O nosso primeiro desafio é repararmos naqueles que mais necessidade têm de apoio. Esta necessidade pode estar muito perto de nós, no nosso meio de relações, na nossa família, no nosso local de trabalho, na nossa comunidade. Hoje, cada vez mais pessoas sofrem de:

- falta de confiança em si mesmas,
- rupturas de relação e de divisão,
- temor de perderem o seu trabalho ou a sua situação,
- doenças que as separam do viver em sociedade,
- afastamento da Igreja, da Comunidade, ou mesmo da sociedade.

Jesus disse-nos no Sermão da Montanha:

«Fazei sempre aos outros o que gostaríeis que vos fizessem a vós » (Mt 7, 12)

A NOSSA RESPOSTA

Como poderemos responder a estas situações?

Antes de mais, tomando consciência delas. Para tanto, temos que nos libertar das nossas preocupações do mundo, tor-

nar-nos disponíveis para responder às necessidades que descobrimos à nossa volta, com doçura sentida e imaginativa. Com espírito de humildade, devemos apoiar e encorajar os outros a inventar a sua própria liberdade e, ao mesmo tempo, cuidar de lhes deixar o espaço necessário para que possam progredir nessa liberdade. Era neste espírito que o Padre Caffarel evocava o dever de hospitalidade.

O NOSSO GUIA

Temos muitos modelos para este espírito de hospitalidade mas o maior é Jesus ele mesmo, que no-lo ensina ao nível mais alto. Jesus passou muito do seu tempo na terra a ensinar-nos e a mostrar-nos a melhor maneira de tocar aqueles que encontramos. Entre os exemplos contam-se:

- Zaqueu, que queria pertencer-Lhe e modificar-se.

A resposta de Jesus foi para ele uma tomada de consciência, uma abertura, um chamamento, um convite e uma entrega. *«O Filho do homem veio para procurar e salvar aquele que estava perdido» (Lc 19, 10).*

- A mulher adúltera, culpada e excluída.

A resposta de Jesus foi criativa, objectiva, sem condenar, de perdão e de reconciliação.

«Eu também não te condeno, vai em paz e não voltes a pecar» (Jo 8, 11).

- Os leprosos, que por causa da doença, eram marginalizados.

Jesus respondeu ao rejeitado com abertura e ao estrangeiro com disponibilidade, atenção, força e afirmação.

«*Levanta-te e caminha, a tua fé te salvou*» (Lc 17, 19).

- Maria e Marta, por ocasião da morte de seu irmão Lázaro.

A resposta de Jesus foi tomada de consciência, encorajamento, partilha, humanidade, atenção, esperança e profunda compaixão.

«*Jesus chorou*» (Jo 11, 36)

Jesus respondeu a cada um de um modo diferente. Mas o que transparecia para todos era a sua tomada de consciência, a abertura, o perdão, o espaço que ele deixava a cada um para se curar, o seu amor.

A NOSSA MISSÃO

Ao modo de Jesus, também nós podemos responder ao mundo em que vivemos.

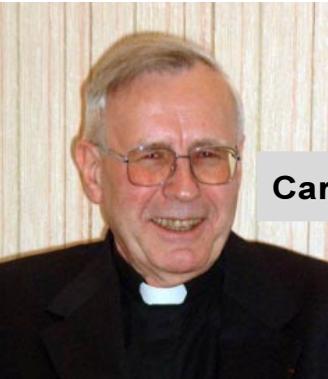
Como diz Henri Nouwen no seu livro «*Nous atteindre*»:

«*Do ponto de vista da espiritualidade cristã, é importante ter presente que cada homem é chamado a ser remédio para os outros*».

As Equipas de Nossa Senhora ajudaram-nos muito a desenvolver a nossa espiritualidade cristã ao longo dos anos. Hoje, a nossa equipa e o nosso tema «*Ser pessoa*» e «*Casal cristão no mundo*» podem inspirar-nos no sentido de ir ao encontro dos outros num espírito de amor renovado. Deste modo poderemos viver a nossa missão de ser pessoa como dizia no Antigo Testamento o inspirado profeta Miqueias:

«*O que Yaveh te pede é nada mais nada menos do que realizar a Justiça, amar a Bondade e caminhar humildemente com Deus* » (Mi 6, 8).

Que Deus vos abençoe.



Carta do Conselheiro Espiritual das ENS

CASAIS, SINAL PARA O MUNDO

Caros amigos das Equipas,

O nosso correio da ERI articula-se em torno de assuntos que constituem o tema *Ser casal na Igreja e no mundo*, cuja redacção se aproxima do fim.

Centrado nesta perspectiva, escolhemos hoje o *casal, sinal e presença concreta do amor de Deus no mundo*. Não é verdade que no centro da vocação — ou da missão — dos casais cristãos está o testemunho do amor de Deus?

Ou será isto irrealista? Podemos interrogar-nos: neste nosso mundo inquieto,

breve), Jean Allemand reproduziu uma passagem maravilhosa em que o nosso fundador, ao jeito do poeta francês Péguy, faz Deus falar sobre o sentido que deu à criação do casal. Deus disse: «*Então despertou em mim a necessidade de revelar o melhor de mim mesmo ... Eu te criei, casal humano, “à minha imagem e semelhança” ... surgindo o amor para revelar o meu Amor. Casal humano, minha testemunha privilegiada*» (Roma, 5 de Maio de 1970).

***Tanto na felicidade como na provação,
os casais são chamados a permanecer na Aliança,
habitados pela presença fraternal de Cristo Salvador.***

como reconhecer que Deus nos ama quando tantos hesitam ou vacilam na fé? Será que Deus está presente? Estará Ele próximo ou afastado? Ou, será que, pelo menos, Ele nos dá um sinal?

No seu precioso livrinho *Prier 15 jours avec Henri Caffarel*, (cujas traduções nas vossas diferentes línguas se esperam para

Casais, no vosso amor, sois a imagem do Deus que é Amor, revelais o Deus que é Ele mesmo dom mútuo, intercâmbio perfeito entre as Pessoas divinas.

Imagem de Deus? Sinal de Deus? Talvez, quando tudo corre bem; e quando corre mesmo mal? E quando o amor se cansa, quando o amor está ferido? A ima-

gem fica desfigurada, o sinal torna-se indecifrável. E o amor de Deus, será que deixa de estar presente?

Deixo responder a liturgia que se dirige a Deus, Pai santo, criador: «*Como [o homem] tinha perdido a tua amizade ... Tu vieste em ajuda de todos os homens ... multiplicaste as alianças com eles ... Tu amaste de tal maneira o mundo que nos enviaste o teu próprio Filho ...*» (Oração eucarística IV).

E nós sabemos que o Filho se fez *semelhante a nós*, não hesitou em fazer-se servo dos homens; aceitou a condição do servo que sofre, com a face desfigurada. Próximo de todos os feridos do amor e da vida, não cessa de reconciliar, de oferecer a Aliança de Deus com os homens. Mesmo no sofrimento, mesmo nos momentos em que o pecado nos atinge, o casal continua a ser chamado a viver esta Aliança de amor na qual Cristo se dá fielmente.

Tanto na felicidade como na provação, os casais são chamados a permanecer na Aliança, habitados pela presença fraternal de Cristo Salvador. De facto, são tanto mais sinais da Sua presença quanto mais perseveram num amor fiel e fecundo, o amor de dois corações unidos no coração de Deus.

Nas nossas sociedades, às quais faltam tantas vezes as referências, ou, melhor, a esperança, vós, casais, tendes a vocação de ser testemunhos das fontes sempre vivificantes do vosso amor, de ser sinais preciosos da imagem e da presença de Deus. Testemunhos d'Aquele que apela a que se dê a vida por aqueles que amamos, a amar como Ele nos ama. E isso é possível, porque o amor de Deus é *de sempre para sempre para os que guardam a sua Aliança* (Salmo 103/102, 17).

PADRE FRANÇOIS FLEISCHMANN

EQUIPAS SATÉLITES

O Colégio Internacional de Houston de Julho passado decidiu constituir, em torno da equipa responsável internacional, equipas encarregadas de trabalhar um ponto particular da vida do nosso movimento a fim de melhor corresponder às preocupações dos membros das equipas e de fazer propostas de avaliação sobre temas escolhidos pela ERI em acordo com o Colégio.

Estas equipas, em número de 5, orientam a sua atenção sobre:

- * A pedagogia e a ética das equipas;
- * A formação;
- * A investigação e a reflexão sobre o casamento e a espiritualidade conjugal;
- * A missão das equipas no mundo e a sua difusão;
- * A comunicação.

As quatro primeiras equipas são coordenadas por Carlo e Maria Carla Volpini,

membros da ERI e a equipa comunicação é coordenada pelo Secretariado Geral Internacional.

Cada equipa é pilotada por um casal responsável que pertença a um país não representado actualmente na equipa internacional (Austrália, EUA, Espanha, Portugal e França para a comunicação). As equipas são constituídas por membros das diferentes Supra-Regiões, o que assegura uma verdadeira internacionalidade nesta iniciativa.



SATÉLITES
EQUIPAS

Todas estas equipas estão, desde 23 de Janeiro, data da reunião dos responsáveis, em condições de trabalhar sobre os assuntos que lhes foram confiados.

EQUIPAS NA POLÓNIA

No decurso do último Verão, aquando de uma sessão em que participaram Gérard e Marie Christine de ROBERTY, respon-

sáveis da ERI, um grupo de casais polacos, interessados em desenvolver a espiritualidade conjugal no âmbito de um mo-

vimento de leigos, encarou a possibilidade de criar as Equipas de Nossa Senhora na Polónia. Neste país já existe o movi-



mento «Igreja Doméstica», largamente inspirado na pedagogia e na Carta das ENS, mas cuja recente evolução deixou totalmente de corresponder às intenções dos seus fundadores. A seguir, reuni-

ram-se mais de 150 pessoas num fim-de-semana de formação e daí nasceram 12 equipas.

No mês de Maio, Jean-Louis e Priscilla Simonis, membros da ERI, responsáveis da zona da Europa Central vão à Polónia para participar na animação da primeira sessão de formação sobre o tema da pilotagem das equipas.

Saudamos muito particularmente o dinamismo dos nossos irmãos e irmãs polacos que actuam num contexto difícil.

Rezamos pelos bons resultados da sua iniciativa.

O seu endereço internet é:

www.end.win.pl

MARIE-CHRISTINE E GÉRARD DE ROBERTY

A CONFIANÇA E NADA MAIS DO QUE A CONFIANÇA

Quando o Amor misericordioso nos instrui, descobrimos, não apenas a verdade do nada da criatura, mas também o encanto dessa pobreza, e começamos a saborear a doçura de não ser nada: «É tão bom, diz Teresa de Lisieux, sentirmo-nos fracos e pequenos». É o nosso vazio que nos torna capazes de sermos invadidos pela torrente do amor divino.

Trata-se de uma linguagem tradicional na Igreja e sobretudo em S. Paulo, que nos fala da «ciência que nos ensina a alegrarmo-nos nas nossas enfermidades».

Estamos também em pleno coração da mensagem evangélica das Bem-aventuranças: «Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o Reino dos Céus». Está tudo no Evangelho: a humildade, a pobreza, a mansidão e o espírito de infância.

Poucos homens aceitam encarar a sua miséria como uma pérola preciosa difícil de encontrar e digna de ser apaixonadamente procurada. A nossa tendência natural é a de fugir dessa miséria ou desculpá-la,

fuga essa que não implica o desejo de dela nos libertarmos, mas antes a recusa obscura e feroz de dela tomar consciência e de com ela nos confrontarmos.

Na vida espiritual, uma só coisa é de temer: a falta de confiança em Deus. Fica-



mos tantas vezes desolados com as nossas fraquezas, que nos humilham. Há fra-

quezas que fazem Deus sorrir e que não O ofendem. São misérias para a misericórdia de Deus como o grão é feito para o moinho.

Queremos saber o que vale a nossa confiança? Perguntemos a nós mesmos: se uma manhã acordássemos com o coração carregado com todos os pecados possíveis, teríamos confiança bastante para irmos lançar-nos aos pés de Jesus e pedir-Lhe humildemente perdão?

É a confiança e nada mais que a confiança que deve levar-nos a Deus. É próprio da confiança não se apoiar em mais nada senão no amor e na misericórdia. Enquanto procurarmos a Deus por outra coisa que não seja só a confiança, deixamos de fazer d'Ele o nosso único apoio. Em certos dias, em vez de fazermos actos de confiança, seria muito melhor fazermos actos de não-confiança e de não-amor: «Meu Deus, não tenho bastante confiança em vós, não Vos amo. Aumentai a minha fé e o meu amor!»

O homem que tem confiança parece-se com a Virgem Maria. Ela não compreende (Lc 1, 34), mas sabe que «a Deus nada é impossível» (Lc 1, 37). Então, Ela deixa de olhar para si mesma para fixar o seu olhar apenas em Deus. Ela pertence verdadeiramente a essa grande grupo de testemunhas da fé descrito nos capítulos 11 e 12 da epístola aos Hebreus: eles deixam uma pátria bem conhecida para se

dirigirem para uma terra desconhecida, porque têm os olhos sempre fixos em Jesus, a testemunha da fé (Hb 12, 2). A sua única bússola é a Palavra de Deus.

Pode ser «evidente» para Maria que estão fechadas e bloqueadas todas as saídas humanas, mas Ela confiará sempre

***Assim a nossa confiança
deve abandonar
todos os seus apoios humanos
para se enraizar em Jesus,
nosso único rochedo.***

na «evidência» de Deus, Senhor do impossível. Por isso é que Ela pode avançar, mesmo por um caminho humanamente bloqueado: tudo é possível para aquele que crê, dirá Jesus ao pai do menino possesso (cf. Mc 9, 23).

Assim a nossa confiança deve abandonar todos os seus apoios humanos para se enraizar em Jesus, nosso único rochedo. Todas os males espirituais provêm de nos apoiarmos em qualquer outra coisa. E é por isso que o Espírito Santo nos tira, um a um, todos os apoios humanos e as nossas seguranças, para nos ensinar a verdadeira confiança. O homem apoia-se instintivamente naquilo que vê ou sente, e Deus, então, entra em acção para nos ensinar a ciência do «Nada». Não tendo mais nada a que nos agarrar, somos obrigados a mergulhar apenas em Deus.

Esta doutrina da confiança vale sobretudo para a nossa busca de Deus. Que-

remos provar-Lhe o nosso amor e então tomamos, como S. Pedro, grandes resoluções ditadas pela generosidade. Prometemos a Deus dar a vida por Ele. Sem o sabermos, damos uma oportunidade a Satanás (cf. Lc 22, 31), porque contamos ainda muito com as nossas forças. Quando Jesus diz a Pedro: «Eu orei para que a tua fé não desfaleça», é exactamente isso que lhe quer dar a entender: não se devem fazer promessas baseadas apenas na generosidade.

No dia em que compreendermos isto descobriremos a ciência e o poder da oração e, em vez de tomarmos resoluções, transformá-las-emos em oração. Em vez de dizermos: «Meu Deus, quero fazer», diremos: «Meu Deus, ensina-me a fazer».

Se, em vez de dizer vou dar a vida por Ti, o pobre Pedro tivesse dito a Cristo: “Tu bem sabes que sou incapaz de dar a minha vida, vem em minha ajuda”, teria certamente vencido aquela tentação. Deveríamos poder dizer: «A confiança, nada

mais que a confiança, nos conduzirá ao Amor».

Tudo se decide para nós, diz o Padre Molinié, no jogo entre a Misericórdia e a Confiança. Não há mais problemas, dificuldades, ou erros na nossa vida. Absolutamente mais nenhuns.

Temos de aprender a exercitar-nos no amor e na confiança. Não há nada de mais simples do que termos confiança, pois trata-se apenas de nos abandonarmos a Deus tal como uma criança se abandona, mas é, ao mesmo tempo, muito complicado e difícil, por ausência de hábito. Falta-nos capacidade de adesão permanente ao pensamento de Deus.

Não me admiro nada de que a prática da familiaridade com Jesus pareça um pouco difícil de realizar. Mas tenho a certeza que, como Santo Agostinho, direis: «O amor é a força que me conduz».

PADRE NUNO WESTWOOD

QUE FAZ ANDAR O MOVIMENTO?

Digam Vocês ...



INTRODUÇÃO

Pedimo-vos que aceitem reflectir uns minutos, connosco, sobre o quê e quem faz andar o nosso Movimento e como é que o processo se desenvolve. Claro que todos temos ideias sobre este assunto. O problema é que poucos nos debruçamos sobre ele e ainda menos temos tempo ou pachorra para o fazer. O corre-corre do dia a dia não nos deixa, normalmente, ocasião para grandes reflexões. É por isso que estes encontros são importantes. Para-mos, descontraímos, esticamos as pernas, pensamos um pouco.

Como é que o Movimento se mexe, cresce e resiste? Automaticamente, não é. Vamos todos os meses à nossa reunião de equipa. Mais contentes ou menos contentes, saímos de lá enriquecidos. Senão porque é que continuamos a ir? Alguém imaginou o esquema, alguém o testou para que dele tirássemos benefício, alguém nos arranjou uns temas para conversarmos em casal, alguém andou ajudando esta equipa e outras a que não se sentissem isoladas, perdidas ou enfraquecidas, alguém reuniu informação sobre a vida das equipas que caminham, melhor ou pior, para ajudar outras a crescer, alguém juntou

casais interessados em formar novas equipas, alguém os acompanhou enquanto deram os primeiros passos e mais uns alguéms podíamos encontrar se o nosso fim fosse esse.

Chega para percebermos que muita e muita gente faz o que pode para que a minha equipa funcione, a minha pessoa cresça humanamente, o meu casal adquira uma dimensão espiritual que o ampare no caminho da salvação, a minha família seja mais feliz e os meus amigos se entusiasmem. Evidentemente que há falhas. Muitas falhas. Só não falha quem não faz coisa nenhuma.

Nenhum de nós é profissional destas coisas e todos nada sabemos até ao dia em que temos que fazer alguma coisa. Eventualmente até ao dia seguinte e mesmo até ao dia seguinte ao seguinte. Há uns que aceitam desinstalar-se, abrandar ou eliminar afazeres e lazeres, assumirem compromissos bem fatigantes, por vezes ignorados, por vezes mal compreendidos, por vezes criticados. Dão gratuitamente, num gesto bom. E eu? Não posso?..., não foi razão para eles; Não sei?..., também não; Aborrece-me ir?..., também não foi e,

às vezes, até aborrece mesmo. Mas vão, porque respeitam o esforço dos outros. Embirro com compromissos? Eles também. Hoje em dia, que será que se passa, quem não embirra com compromissos?

Deu-me para procurar santificar-me em casal. Podia ter decidido doutra maneira. Onde fui buscar o direito de me instalar como espectador do labor dos outros?

A lei do menor esforço persegue-nos a todos. É uma lei universal. “Amai os outros como a vós mesmos” é que ainda não é, infelizmente, uma lei universal. Enquanto uma é fácil mas nos puxa, digamos, para baixo, a outra é difícil, muito difícil, mas puxa-nos, digamos, para cima. Foi isso que Cristo nos ordenou. É nisso que nós, cristãos, temos que trabalhar. Trabalhar e ser bons.

Parecemos a gota de água impedida de libertar o seu conteúdo à custa de tensões interiores. Uma grande estabilidade

impede esta gota de se abrir para o exterior, tornando-a num mini mundo sem calor. Experimentar medo perante a vida e os outros, faz contrair a gota, desaparecer a espontaneidade, a sua energia autêntica e as suas riquezas.

Só o amor, e sempre o amor, nos liberta. Mas o amor não é, muitas vezes, mais do que um pseudo amor, devido a pseudo personalidades. O amor que não age, que não se compromete, não passa dum sentimento epidérmico, talvez bonito, talvez inútil. Que têm eles para disponibilizar que eu não tenho? Porque é que eu não sei, não posso, não participo, aborrece-me comparecer e não me comprometo?

Aqui está o desafio. Vamos lá ver se, juntos, descobrimos. Vamos examinar quatro das virtudes que nos obrigam ou ajudam a conhecermo-nos, a agradecer, a agir e a dar.

A primeira virtude será a

I

HUMILDADE

CONHECER-ME

Virtude pequenina, que não sabe dizer mais nada de si senão que ela mesma duvida de que seja uma virtude. Foi Deus que nos deu a maior lição de humildade Ele, que sendo tudo fez-se nada, sendo o maior se fez o mais pequeno, sendo Senhor quis nascer servo.

A humildade permite-me que eu tenha consciência dos meus limites sem me levar a desprezar-me. Permite-me enfrentar a minha verdade. Em vez de ignorância do que eu sou, é conhecimento e aceitação do que não sou. Torna-me capaz de me aceitar, o que precisa do coragem e dis-

pensa tristezas e depressões. É mais amor da verdade acerca de mim mesmo do que amor de mim mesmo. A humildade é um saber que não legitima a falsa humildade que falta ao dever de respeitar em mim a dignidade do homem.

Dizia Santo Agostinho que onde há humildade há caridade, certamente porque ela conduz ao amor, evitando que eu ocupe todo o espaço disponível. É o esforço do “eu” que tenta libertar-se de si mesmo reconhecendo objectivamente que se não é capaz de tudo é capaz de muitas coisas. É um libertar-se para o que é preciso sem cobrar nada por isso. O que leva à caridade e também à gratuidade.

A humildade não tem jeito de expor-se. É uma virtude escondida. É um “se eu puder” antes de um “não sou capaz”, murmurado no íntimo de mim mesmo. É um gesto em direcção ao outro antes de

ser uma recusa. “Tudo o que eu puder, se puder” o que revela generosidade, antes de um “não pensem, eu não posso”, o que revela medo ou falta de confiança, comodismo, mau feito ou egoísmo, e é uma mentira. Eu posso e sei alguma coisa. Recebi talentos. Todos nós os recebemos. Que fiz eu aos meus talentos? Enterrei-os com medo do rigor do senhor? E que vai ele fazer quando regressar e me pedir contas? Será que não penso nisso? Será que não me assusta, isto?

Porventura nego-me muitas vezes, pura e simplesmente, quando me pedem que preste um serviço ao Movimento. Porquê? Será por humildade mal compreendida ou por incapacidade de me afirmar e de fazer seja o que for?... Digam-me lá vocês, por favor...

Agora a segunda virtude, a que permite o reconhecimento:

II

GRATIDÃO

RECONHECIMENTO

A gratidão é uma virtude agradável embora não tenha nada de fácil. Se fosse fácil faltar-lhe-íamos tantas vezes? Todos gostamos de receber. Isso lisonjeia-nos. Para muitos, a resposta de gratidão é imediata e espontânea. Para outros, vem trabalhada com o passar do tempo e adquire, por vezes, um sabor mais profundo.

A gratidão traduz-se por um gesto ou uma acção em favor de quem a suscita. Agradecer é dar em troca, recusando guardar para mim o prazer ou o benefício que te devo. Sou ingrato se recuso ao outro esse eco, esse amor de volta, que guardo para minha satisfação. Retenho-o e, por isso, sou egoísta. O ingrato é egoísta e o

egoísta é ingrato porque não gosta de dar, não porque não goste de receber. Não sou capaz de reconhecer o que devo ao outro e não gosto de partilhar a alegria do dom que me foi feito. A ingratidão atesta a minha mediocridade.

Há humildade na gratidão e, porque a humildade é difícil, a gratidão é difícil também. Ninguém, quando dá, tem o direito de exigir gratidão. Mas há a alegria de dar a quem me deu, o que alimenta a minha generosidade que, por sua vez, alimenta a gratidão que vê no outro a causa da minha alegria. É reconhecimento do amor do outro e não amor de mim, como acontece se for orgulhoso e egoísta (A ingratidão é má e a gratidão é boa e torna-me bom).

A gratidão é o segredo da amizade. Não porque eu seja um devedor crónico

em relação ao meu amigo. O que é meu é dele e vice-versa; não lhe posso dar nada. A amizade reside na abundância da alegria comum, na alegria recíproca, na alegria partilhada. É o empréstimo que faz a dívida, não o dom. O dom não exige nada, nem gratidão. Não sou causa de mim mesmo. A minha vida é um dom. Seria eu, alguma vez, capaz de pagar uma dívida destas? A gratidão não paga dívidas. A gratidão retribui amor, por muito pouco que eu seja capaz de o sentir e de o manifestar. “Amor com amor se paga”.

Dou algo ao Movimento em troca de tanto que ele me dá? Ou nunca posso, não ousar, não reconheço ... e quedo-me na mediocridade? Digam-me vocês, por favor ...

A terceira virtude é a que me permite ousar

III

CORAGEM

OUSAR

De todas as virtudes a coragem é, se calhar, a mais admirada. O seu prestígio não depende das sociedades, nem das épocas, nem das modas. Depende apenas dos indivíduos.

Tem ainda a particularidade de poder ser comum aos bandidos e aos grandes homens. Quem nega que há coragem no terrorista que sacrifica a sua vida por uma ideia de felicidade neste mundo ou no outro, enquanto sacrifica, com a sua, cen-

tenas de vidas inocentes? Ou naqueles que assaltam um banco, o que envolve medo e perigo? Não deixam de ser assassinos e ladrões, interesseiros e egoístas. Coragem egoísta é egoísmo. Coragem desinteressada é heroísmo.

A coragem supõe sempre o medo e corajoso é aquele que, por muito medo que sinta, é capaz de o ultrapassar por uma vontade mais forte e mais generosa. O perigo a enfrentar não reside no traba-

lho, no contratempo ou no risco, nem no medo, nem na fadiga. O perigo reside na dificuldade em vencer «o impulso primário do animal que eu sou e que prefere o repouso, o prazer e a ignorância, ao esforço necessário para durar e para suportar, para viver e para morrer, para resistir, para saber, para combater, para perseverar».

A coragem só se torna uma virtude quando está ao serviço duma causa generosa. Coragem pela coragem é vaidade, ou loucura, ou temeridade e, não poucas vezes, uma infantilidade. Nesse caso não é uma virtude e pode fazer bastante mal.

Exige o conhecimento de que o desafio que vou enfrentar é difícil. Senão, para que precisaria de coragem? Viver a minha vida exige coragem na medida em que me esforço por romper esta tensão que sou. Tem a ver com o presente que eu faço, com a vontade que faz com que ele aconteça, e não com o ficar comodamente à espera de que, finalmente um dia, aconteça. O esperar que toda a gente tenha um emprego não faz acabar com o desempre-

go. Só os moles, os preguiçosos e os cobardes se contentam em esperar.

O contrário da coragem é, na verdade, a cobardia, a preguiça e a moleza. A cobardia não está apenas na fuga ao perigo. Está também no “deixa andar”, no “Maria não te rales”, no ficar na esperança de que haja alguém que resolva o problema sem mim e sem me maçar muito.

A coragem é uma força de alma que obriga ao respeito. O justo não seria capaz de combater a injustiça se não tivesse prudência. Mas, sem coragem, não ousaria nem tentá-lo. Sem prudência as virtudes seriam cegas mas, sem coragem, seriam vãs.

Este meu jeito de não saber, não poder, não aparecer, não me comprometer, não servir, é o quê? Comodismo? Falta de coragem? E se todos os outros fossem assim? Francamente, não sei ... Digam-me lá vocês, por favor ...

Agora a generosidade que é, com o amor de quem ela é prima direita, a estrela de todas as virtudes

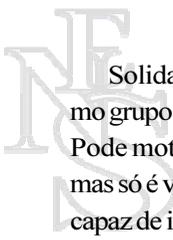
IV

GENEROSIDADE

AMAR

A generosidade é a virtude do dom. Não consiste em dar o seu a seu dono, nem em atribuir a cada um o que lhe é devido. Isso é justiça, não é generosidade.

Consiste em lhe oferecer o que não é dele mas é meu e lhe faz falta. É agir de acordo com as exigências do amor, da moral e da solidariedade.



Solidariedade é pertencer a um mesmo grupo e partilhar uma mesma história. Pode motivar e reforçar a generosidade mas só é verdadeiramente generosa se for capaz de ir para lá do interesse. Combater a fome para salvar a paz é também o nosso interesse e somos hipócritas se pretendemos o contrário. Muitos gestos aparentemente generosos são apenas o preço que estamos dispostos a pagar pelo nosso conforto moral ou pela nossa limitada boa consciência. Só sou verdadeiramente generoso quando amo e traduzo esse amor por actos concretos. Quando consigo calar o “eu” egoísta e me distancio de mim.

A generosidade nasce onde o amor faz defeito. Amar sem dar é praticamente impossível mas só sou capaz de dar sem amar se for verdadeiramente generoso. Na falta de amor é a generosidade que me convida a dar, mesmo àqueles que eu não amo. Eu não amo quem quero. Amo quem sou capaz de amar. Não mando, portanto, no amor mas na generosidade mando: basta querer. Por isso ela é uma virtude.

Dar, quando se ama, é prova de generosidade ou de amor? Cristo era generoso? É essa a palavra que convém? O que faço pelos meus filhos, faço-o por generosidade ou por amor?. É egoísmo, generosidade ou amor? A felicidade deles é a minha felicidade mas não deixa de ser a deles também. O bem deles é o meu bem. Será egoísmo, generosidade ou amor? Será que isso interessa?. Quando há amor, o amor basta.

Dar não é quantificável nem pretende ser. O dom vive de si mesmo sem exigir nada em troca. É amor em pura perda, um ganhar em perder. Não tem preço, não no sentido de que é demasiado valioso para lho ser atribuído, mas no sentido de que qualquer retribuição está totalmente fora de questão. É gratuito e por isso é dom, gesto puro e desinteressado. Se for remunerado, seja qual for a remuneração, não é dom, é transacção. Tem ainda a ver com a liberdade e é domínio de si. Porque eu só posso dar aquilo que tenho, com a condição de não me deixar possuir por isso.

Se o amor estivesse presente, combateria o ódio, a cólera, o desprezo, a inveja, a doença, o desânimo, a dificuldade. Não estando, a generosidade fá-lo-á. Por isso temos necessidade de generosidade. Na verdade, eu amo o amor mas não sei amar. Amo recuando, evitando, defendendo-me, negando, cobrando. Se pudesse amar o próximo como a mim mesmo, que necessidade teria eu de generosidade? Se amasse como a mim mesmo este estrangeiro que sofre ou este miserável que tem fome, recusar-lhe-ia o socorro que ele me pede? Se o amasse como a mim mesmo, que faria eu?

O Senhor chama-me através do Movimento. Se o meu ouvido desatento O tivesse ouvido sempre que Ele me chamou, alguma vez lhe teria respondido simples e prontamente como Samuel “Aqui estou, Senhor”?... Ora digam-me vocês, por favor ...

CONCLUSÃO

Este Movimento que é o nosso, trata de amor e vive de amor. Amor em casal, amor em família, amor ao próximo, porque não amor ao inimigo, amor a Deus. Dá-me do amor com que todos o amamos. Para chegar em bem ao seu destino, como se fosse um comboio em que embarcámos, consome do combustível que eu ajudei a amontoar. Como me atrevo a ir sentado, comodamente observando a paisagem, se não amontoou nada e faço a todos correr o risco de ficarem pelo caminho? Não terei, realmente, nada para dar? No fim desta pequena reflexão não há humildade que me deixe acreditar nisso. Com alguma coisa hei-de poder contribuir para que o comboio ande. Não tenho para dar o mesmo que outros têm. Mas tanta falta faz o pouco que eu não dou como o pouco que é da conta doutros dar.

A minha vida só tem sentido quando posta ao serviço doutra coisa ou doutro alguém, uma causa, uma verdade, um projecto, as pessoas que amo. Não é um enigma que preciso de resolver ou uma corrida que tenho que ganhar. É uma aventura, um risco, um esforço. Só o amor lhe dá sentido. Mas o amor é um sentimento que estabelece um compromisso entre mim e aquilo ou aquele que amo. Ou então é um estado de alma, muito bonito, muito tranquilo, muito inútil e mais nada.

«O homem é um ser extraordinário mas não é imortal, nem todo-poderoso, não criou o mundo, não se criou a si mesmo, não conhece o princípio nem o fim das

coisas, não é infinito e raramente será capaz dum amor verdadeiramente desinteressado. Pode ser grandioso mas não é Deus». Criado à Sua imagem, marcado pelo “ferro” do Criador, tende a amar alguém ou alguma coisa. E corre. Pode correr atrás do dinheiro, ou do poder, ou da sabedoria, ou da glória, ou do sexo, ou da juventude, ou da beleza, mas corre e não correria se não amasse coisa nenhuma. A nossa felicidade depende daquilo atrás de que corremos.

Quanto mais próximo estou da máquina, embrulhado na ideologia que me domina, apanhado nos condicionalismos sociais que me asfixiam, dedicado a correr e a não pensar, sem me preocupar em interromper este ciclo, menos surpreendo, menos entro em comunicação com os outros, menos disponível me acho, mais a fadiga me governa, menos liberdade tenho.

Obviamente, o Movimento, que existe para nós, não vive sem nós. Não queiramos tirar dele aquilo que nos recusámos a dar-lhe. A vida entregue daqueles que o vão fazendo viver e crescer, precisa de outros horizontes onde se irá renovar. Quem fica? Ficamos nós: é agora a nossa vez.

Pertencer ao Movimento, como vivemos, exige

GENEROSIDADE que é a decisão de nos darmos gratuitamente,

CORAGEM que nos convida a ousar,

GRATIDÃO que nos desafia a retribuir o amor que nos dá,

HUMILDADE para reconhecermos que, por muito pouco que seja, temos sempre algo para dar.

Interrogamo-nos sobre o que é preciso fazer? Perguntemo-nos antes o que faríamos se agíssemos só por amor e se este amor envolvesse todos os outros. Agir exige esforço mas é a lei. Não podemos viver tranquilamente na paz da nossa reunião de equipa enquanto outros trabalham. Donde me vem o direito de exigir, de refilear, ou mesmo de esperar seja o que

for, se me situo no Movimento apenas para olhar, para receber, quando não para me queixar?

Vamos todos fazer o comboio andar?...
Digam-me vocês!

Coimbra, Abril 2002.

HELENA E JORGE FONTAINHAS

Fontes:

A Igreja voltada para o homem - Joaquim G. Piepke.

Psychologie et liberté intérieur - Pierre Daco.

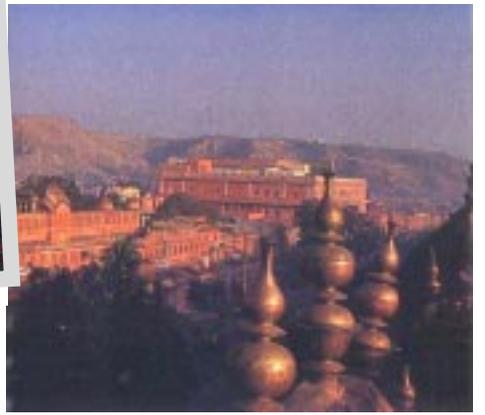
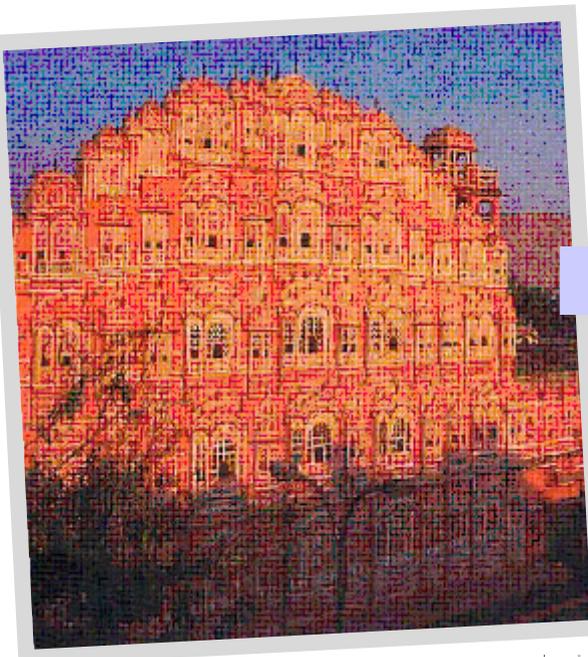
La sagesse des modernes - A. C. S. et Luc Ferry.

Petit traité des grandes vertus - A. Comte-Sponville.



INTERPELAÇÕES DO LUGAR

JAIPUR



Jaipur é uma cidade belíssima, capital do Rajistão, um dos maiores estados da Índia. É a cidade cor de rosa, num extremo duma enorme planície, árida e quente. Rosa porque a cidade velha, traçada a régua e esquadro, é pintada a ocre rosado, tanto as muralhas que a cercam como as grandes ruas que a cruzam. Os Marajás que a governaram vêm de uma dinastia iniciada no século XII. Deram-lhe poder, defenderam-na do islamismo, desde os Mamelucos aos Mogóis, fizeram dela uma cidade hindu tradicional, aberta, livre, artística, comerciante e até rica numa terra de quase deserto.

Na moderna Índia, os marajás perderam o poder, ficaram os palácios e as tradições. Palácios soberbos, com salas abertas à brisa, fresquinhas de saber bem, com mármore e murais fantásticos. Tradições de festas, de vestir, de conviver, de comer-

ciar, de trabalhar o mármore e os metais, de ser hindu. Sobretudo, ficou a cidade rosa, onde todas as ruas e ruelas são um bazar, o movimento só pára pela noite, a barulheira das vozes e das buzinas é ensurdecadora, os cheiros são fortes e se misturam, as cores dos saris, das “kurdas”, das camisas, dos lenços, dos turbantes se quadram com o verde das árvores e o rosa das casas. Todas as portas são lojas, todas as janelas são rendilhadas em pedra ou estuque, para ver e não ser visto.

Em qualquer das avenidas passa um trânsito frenético que, a certas horas, quase não move. Os passeios não são para caminhar mas para comerciar, vender ou comprar, reparar seja o que for. Vai tudo

pela rua, onde mal cabem dois carros, em competição quase feroz. Um jeep com boa buzina e atrevimento consegue empurrar tudo o resto. Os automóveis manobram buzinando e furando por entre o que en-

trânsito, já não há burros nem carroças, substituímos mercados e feiras por centros comerciais onde tudo, tudo, é organizado. Só temos os engarrafamentos e estes resolvem-se, para além da paciência,

***Será que o “bom samaritano”
é só aquele que encontra o ferido à beira do caminho
e não é também aquele que procura uma ordem mais justa
para a sociedade, restrita ou alargada, em que se insere?***

contram. As motorizadas e lambretas esgueiram-se como podem para ocupar o espaço dos carros ou para retirar espaço aos outros. Os táxis triciclos escapam-se saracoteando com ligeireza. As bicicletas procuram espaços e, sobretudo, que os outros os não derrubem. Os riquexós a pedal lutam por levar a bom porto os clientes, mas só raramente conseguem campo aberto para correr. As carroças ocupam o último espaço da rua, umas puxadas por cavalo, em trote curto quando há espaço, outras a dorso de camelo, em passo certo e altaneiro, outras ainda puxadas por vacas, essas pachorrentas e vagarosas mesmo. E no meio de tudo, mais para a berma, claro, os peões. Nas horas de maior movimento, ai de quem seja velho ou estropiado e queira atravessar a rua!. E isto tudo faz-se sem insultos, sem gestos desagradáveis, só com barulho e agitação.

Que contraste entre esta cidade, exótica e bela, e as nossas! Esta balbúrdia desapareceu, tudo tende a ser organizado, nas ruas comerciais não vai havendo

com uma boa dose de agressividade, apitadelas e insultos. Não, não é disto que estamos a falar.

Se repararmos bem, a rua de Jaipur funciona, organiza-se como a sociedade, nomeadamente a nossa. Quem tem poder, seja de que tipo for, exerce-o como pode, se necessário contra os outros que lhe sejam mais fracos. Quem tem algum poder, procura mais espaço, até o espaço dos outros que são mais poderosos e, se não consegue, recua mas retorna. Quem não tem meios para vencer os que lhe estão acima vai-se mantendo e espereita oportunidades mas não deixa que os outros lhe roubem o espaço que tem. Os que não podem, não sabem, ou não querem, deixam-se ir como os das carroças. Os mais fracos, como os peões, seguem por onde os deixam ir. E os fracos, mesmo fracos, lá se resignam a ser marginais. Não há barulho, mas há agressividade, salve-se quem puder, primeiro eu e depois ainda eu!

E, naquele tráfego desordenado mas que segue a ordem das coisas, onde es-

tão as mulheres? Primeiro como peões, dando cor à policromia da rua mas sofrendo os empurrões de quem lhes passa ao lado. Depois, transportadas nos riquexós ou nos triciclos a motor. Não sofrem o esforço de conquistar o espaço, mas partilham o risco dos encontrões mais fortes. Muitas vezes, como passageiras das motorizadas, sentadas de lado, à amazona, expostas aos choques e às quedas. Algumas vezes, abandonando a tradição, vestidas à ocidental, jeans e blusa, umas tantas moças novas lá se vão esgueirando nas suas motorizadas. Outras vezes, se a vida lhes sorri, lá são passageiras dos automóveis e jeeps, partilhando o poder de quem as conduz.

Também, de certo modo, é assim que a mulher se situa na sociedade, também na nossa e certamente em muitas outras. A mulher que é reduzida a ser fraca, a ser dominada, a ser guiada, a ser acompanhada, a ser acompanhante. Quantas vezes não consegue afirmar-se senão rejeitando os costumes, tornando-se agressiva, quase masculina, porque os quadros que as sociedades lhe reservam não são feitos para ela ter um papel mais activamente importante e responsável apesar de lhes

exigir desempenhos com quanta importância e responsabilidade!

Pois é, será que nos apercebemos da forma como funciona a sociedade que integramos? Não é assim tão mau, dirão alguns, que a democracia e a justiça social até vão indo bem, ou, pelo menos, melhor do que antigamente. A mulher até é igual ao homem, mesmo com as diferenças que têm que existir, dirão outros. Mas será que nos apercebemos que há, de facto, um respeito limitado pelos direitos dos outros? Será que nós mesmos não entramos no jogo do empurrão e do empurra? Será que não podemos fazer nada para tornar a sociedade mais justa, menos agressiva, menos marginalizante? Será que o “bom samaritano” é só aquele que encontra o ferido à beira do caminho e não é também aquele que procura uma ordem mais justa para a sociedade, restrita ou alargada, em que se insere?

E em casa, na família, como é? Ninguém empurra ninguém? Ninguém empurra trabalho para os outros? Não há peões nem quem espere na berma?

LUÍSA E LUÍS SANTOS PEREIRA

DESAFIOS À IGREJA DE HOJE À LUZ DO VATICANO II

A Igreja é peregrina no tempo histórico, vai a caminho do Reino de que é, para o Mundo, sacramento, sinal ou instrumento (LG 1), na fidelidade à Boa Nova de Jesus e à inspiração do seu Espírito.

Vai a caminho, isto é, a meta da Igreja é o Reino de Deus. Por isso, nada nela é definitivo, ela própria Igreja o não é pois que é apenas um sinal e instrumento do Reino. Alcançado este, deixa de ser necessário o instrumento da sua construção, a Igreja, tal como, quando a casa está acabada e pronta, se desmonta a cofragem que foi necessária para a levantar.

Em duas fases, uma mão cheia de imagens ou figuras da igreja, também de categorias teológicas, que o Vaticano II inclui na *Lumen Gentium*.

Em vez de definir, o Concílio tentou ir lá por aproximações, por metáforas da nossa cultura e da nossa antropologia. A Igreja é peregrina, um povo a caminho no tempo e na história, sempre em processo, não descurando a sua tradição acumulada mas perseguindo sempre a sua utopia.

Por tudo isto, a Igreja caracteriza-se por uma profunda relatividade e uma grande relacionalidade; ela tem a ver com e não se entende sem Cristo, o Reino e o Mundo.

Por outro lado, a Igreja é um Povo. Esta imagem foi a grande novidade conciliar. O recuperado conceito de povo deve-mo-lo aos românticos. A antiguidade já falava dele. Mesmo assim entendendo-o de modo muito diferente daquele que, na sequência da Revolução Francesa e seus direitos, os românticos começaram a libertar. Ao longo de toda a Idade Média e mesmo Moderna, a sociedade europeia tinha sido integrada por desiguais: clero, nobreza e povo. Também se diziam os oradores (os que rezavam), os bellatores (os que faziam a guerra) e os laboratores (os que assumiam o trabalho). Onde estava o povo, quem era o povo? Povo era apenas a plebs, oposta aos superiores.

O romantismo começou – repito – a perceber que não podia continuar a ser assim. Povo eram todos, não diferentes mas iguais, e subsidiários, como se formularia mais tarde. Exactamente porque não eram iguais, social, política e economicamente, acontecera a Revolução Francesa. Mas com o romantismo começou a ir-se muito mais fundo: Povo é sobretudo um organismo vivo, que tem vida, que produz cultura.

«O povo, em qualquer momento ou em qualquer lugar, equivale ao produto e processo dos indivíduos que constituem

a população — ou a gente — nas interações associativas individuais e nas interações entre o seu meio regional e físico e o seu desenvolvimento cultural. Assim, como suporte da cultura, o povo representa um termo geral que se aplica à maneira de estar no mundo de uma população em qualquer hora e em qualquer momento, maneira de estar no mundo esta que não deixa de condicionar a evolução da mesma cultura».

Não vou agora fazer a história deste conceito. Começou então o interesse por tudo o que é popular: a etnografia, a antropologia, as festas e os costumes, a culinária e o adagiário, as lendas, os romances, os ritos mais ou menos religiosos ou até supersticiosos, a música e a dança, e todo um conjunto de manifestações a que poderia chamar folclóricas, Almeida Garrett e o seu Romancelheiro, etc. E aquilo que ao Povo, isto é, a todos se pegava começou a ser conquistado taco a taco, foi a conquista.

Passou isto para a eclesiologia? Foi tudo muito difícil. Até então, a principal imagem que servia para dizer a Igreja era de rebanho. Jesus era o Bom Pastor — que tinha seus delegados (Papa, Bispos e Presbíteros) — e a Igreja o seu rebanho. Isto tem um perfume bíblico, é verdade. Só que, a tudo isto, se deu uma interpretação não bíblica. A imagem do Bom Pastor de S. João tem o seu acento no cuidado do pastor pelas ovelhas; não diz que os seguidores de Jesus são ovelhas, muito menos um rebanho. Porque um rebanho é sempre uma grande carneirada! De

resto, nem o Pastor faz parte do rebanho, em-bora o rebanho não possa andar por aí sem pastor, tresmalhava-se tudo. Houve portanto uma conclusão mal tirada da afirmação que apenas dizia que Jesus era (como) um Bom Pastor. Na igreja, os que não são pastores não são uma carneirada, por muito que isso se tenha dito e pensado.

Em 1906, Pio X ainda escreveu assim na encíclica *Veliementer*, dirigida aos bispos de França:

«A Igreja é por essência uma sociedade que abrange duas categorias de pessoas, os Pastores e o rebanho, os que ocupam uma posição nos diferentes graus da hierarquia e a multidão dos fiéis. E essas categorias são tão distintas entre si, que só no corpo pastoral residem o direito e a autoridade necessária para promover e dirigir todos os membros ao fim da sociedade; quanto à multidão, essa não tem outro dever senão o de se deixar conduzir e, rebanho dócil seguir os seus pastores».

Muito antes disto, em pleno período romântico, alguns teólogos alemães, logo seguidos pela escola dita romana, tiveram a intuição de que, muito mais que a ideia de rebanho, era a de Povo que convinha sobremaneira à igreja. Mas não foram escutados. O Concílio Vaticano I ignora ignorá-los-ia por completo. É verdade que, logo a seguir, o Papa Leão XIII, o da *Rerum Novarum*, tentou reabilitar o pen-

samento desses teólogos com duas encíclicas célebres na história da Ecclesiológia. Mas, no seu percurso ecclesiológico, a ideia de povo havia ainda, antes disso, de ceder o passo a uma outra, de maior fortuna e mais fundamentada no Novo Testamento, a de Corpo – a Igreja é o Corpo Místico de Cristo – que, de resto, salientava optimamente a organicidade e funcionalidade da igreja.

Mas, com o Vaticano II e inesperadamente, a noção de povo irromperia na aula conciliar por sobre todas as mais, por desejo teológico claríssimo afirmado na assembleia. E porque o Povo é quem mais ordena, ela entraria na *Lumen Gentium*, provocando uma revolução ecclesiológica copernicana, como celebrenemente diria o Cardeal Suenens. De facto assim foi. O Concílio não abandonou nenhuma das antigas imagens que, ao longo dos séculos, tinham servido à Tradição para dizer a Igreja: elas estão mesmo todas na *Lumen Gentium*. Mas salientou particularmente a de Povo para, de uma maneira nova, abordar nos tempos modernos.

A Igreja é um Povo de Deus. E neste Povo todos os seus membros são iguais em dignidade e capacidade de actuação em favor da edificação do Corpo de Cristo, todos têm a mesma vocação à santidade e todos têm uma lei comum, a do amor fraterno ou da caridade. É o famoso n.º 32 da *Lumen Gentium*. Trata-se agora, a Igreja, de um Povo de iguais, não de desiguais como dizia Pio X. Povo de iguais diferenciados na vocação, no carisma ou

no ministério, cuja condição fundamental assenta nos três sacramentos do Baptismo, da Confirmação e da Eucaristia.

«Um só é, pois, o Povo de Deus. É comum a dignidade dos seus membros, comum a graça de (serem) filhos (de Deus), e comum ainda a vocação à perfeição. Não há, portanto, nenhuma desigualdade, em Cristo e na Igreja, por motivo de raça ou de nação, de condição social ou de sexo. E ainda que, na Igreja, nem todos sigam pelo mesmo caminho, todos são, contudo, chamados à santidade. Reina, por isso, igualdade entre todos quanto à dignidade e quanto à (capacidade de) actuação, que é comum a todos os fiéis, em favor da edificação do Corpo de Cristo. Assim, na variedade, todos testemunham a admirável unidade do Corpo místico de Cristo: a própria diversidade de graças, mistérios e actividades, congrega em unidade os filhos de Deus, porque um só e o mesmo é o Espírito que opera todas estas coisas (1 Cor 12, 11)».

É preciso, entretanto, perceber que as duas grandes, e de algum modo novas, imagens utilizadas pelo Vaticano II para dizer a Igreja – que ela é o Povo de Deus e que é «sacramento, sinal ou instrumento» – se completam e harmonizam mutuamente. Uma – a do Povo – privilegia o seu lado exterior e societário, a sua funcionalidade e organicidade (como de resto à do corpo) a sua vida e a sua capacidade de criar cultura a dons celestes (LG 8).

O que acabo de dizer – traves mestras da ecclesiológia do Vaticano II – tem de ter

consequências práticas na maneira de ser da igreja. Refiro-me à sua concretização (ser deste modo ou daquele), comportar-se desta ou daquela maneira, e, sobretudo, agir assim ou assado. Uma Igreja de desiguais não é exactamente a mesma coisa que uma outra que se entende de iguais. Uma Igreja que se sabe a caminho do Reino – peregrina – comporta-se dum modo muito diferente daquela outra que se pretende ser já o Reino definitivo. Uma Igreja que é «sacramento, sinal ou instrumento de Cristo e do seu Espírito tem de, continuamente, rever-se no Senhor que é a sua cabeça (LG 7, 5) e no Espírito que a vivifica (LG 8). Uma Igreja que é «sacramento universal de salvação» (LG 48, 2) para o Mundo não é a mesma coisa que uma Igreja que é senhora do Mundo. Destas afirmações é preciso saber tirar algumas conclusões.

1. Ao apontarem à Igreja uma profunda relacionalidade a Cristo, ao Reino e ao Mundo, as Constituições *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes* exigem-lhe que continuamente se confronte como mistério de Cristo, de quem é sacramento, como Reino, de que é instrumento, e com o Mundo concreto a quem é enviada como sinal.

Ela caracteriza-se, portanto, por uma profunda relatividade e uma grande relacionalidade: não se entende sem Cristo, sem o Reino e sem o Mundo. Foi isto – vocação de serviço a outras realidades – que o Vaticano II percebeu, a partir da noção de sacramento, recolhendo os frutos de reflexões que lhe foram anterior-

res. Depois de uma eclesiologia – centrípeta – voltada para o próprio ser da Igreja, o Concílio optou por uma outra – centrífuga – na qual a Igreja se entende a partir das realidades que serve.

2. «Cristo é a Luz do Mundo ... luz que resplandece no rosto da Igreja» (LG 1).

Explicando à luz do mistério de Cristo este outro da Igreja com seus elementos humano e divino (sem confusão nem separação, como dizia Calcedónia das duas naturezas de Cristo). O Concílio disse que a Igreja continua e reproduz no Tempo, analogicamente (LG 8) e não por identificação, o mistério do mesmo Cristo. Foi por isso necessário introduzir na eclesiologia um elemento corrector que assinalasse a diferença entre a Igreja e Cristo mas ao mesmo tempo sustentasse a profunda unidade dos dois mistérios. Esse elemento foi a categoria de Sacramento: a Igreja não é Cristo, é sacramento de Cristo. A humanidade de Cristo é um sacramento do encontro com Deus; e a Igreja entende-se como continuidade dessa humanidade. Por ela, entra hoje na história a acção salvífica de Deus. Por esta razão, mais que por quaisquer outras de cariz misticista, se pode chamar à Igreja com prioridade «Corpo Místico de Cristo».

Quem, em última análise, explica a continuidade e a descontinuidade, a união e a diferença entre Cristo e a Igreja, é o Espírito Santo vivificador que, numa pneumatologia mais apontada que desenvolvida, o Vaticano II afirma garante da unidade

e protagonista da distinção entre Cristo e a Igreja.

3. Assim sendo, a acção da Igreja não é uma acção própria mas derivada, tem directamente a ver com o Senhor Jesus de quem depende uma continuidade de missão. A Igreja não é senhora do seu agir nem — digamos — é autónoma na hora de o decidir: Não é tão pouco à decisão da maioria dos seus membros que cabe escolher o caminho.

A Igreja sente-se o novo Corpo de Cristo, pelo qual Deus se faz presente e actua no meio dos homens. Mas quem torna possível esta nova encarnação é o Espírito do Ressuscitado que, como fruto da sua Páscoa, enche as realidades eclesiais e as utiliza para continuar a obra salvífica.

4. Se a Igreja não é o Cristo, não se confunde também com o Reino para que caminha. Por isso é peregrina. o caminho que tem ainda a percorrer indica-lhe permanentemente a sua condição de inacabada, no seu ser e na sua missão. «Somos um Povo (de Deus) a caminho» é uma expressão que refere esta condição peregrinante da Igreja rumo a uma terra prometida, o Reino de Deus que de alguma maneira está já presente em Cristo e na Igreja mas cuja consumação é escatológica.

5. É precisamente esta tensão Igreja-Reino que marca o carácter peregrinante da Igreja que não permite que se absolutize nada do que é próprio de uma qualquer etapa deste caminho. Daí que, eccle-

sia sempre reformanda, a Igreja sempre em contínua conversão.

Por isso ainda, em todo e qualquer momento histórico, a Igreja tem de se realizar e rever numa referência contínua ao Reino que anuncia pela sua sacramentalmente dentro da história.

Tudo isto nos leva à consideração de algumas questões de ponta, deixadas em aberto, pelo Vaticano II: o lugar da Mulher na Igreja, a Eucaristia, o binómio paróquia/comunidade, a relação periferia/centro, a escolha e eleição dos pastores, bispos inclusive.

6. Finalmente, a Igreja não se entende sem homens e sem mundo. Eles são o termo da missão, os destinatários da evangelização, nem estranhos à Igreja, nem seus adversários. A Igreja está no mundo e mesmo os que a integram são deste mundo. As suas estruturas e elementos visíveis igualmente e, na sua realização histórica, ela comparte com os homens «as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias».

Mais uma vez, no entanto a Igreja não é o mundo; a diferença estabelece-se por referência ao Reino anunciado e instaurado por Cristo que a Igreja traz ao mundo como novidade salvífica. O Reino é para o Mundo e a igreja serve o Reino e o Mundo para que o Mundo caminhe para o Reino. A salvação já historicamente realizada é oferecida pela Igreja ao mundo quem aponta alternativas evangélicas para os valores e atitudes mundanos. Aqui

radica a relação entre a igreja e o Mundo, que origina a acção pastoral, a concretizar em missão, incarnação e diálogo.

7. Como corolário – sétimo – esta nova auto-consciência da Igreja supõe um encontro dela mesma com a humanidade neste caminhar para o mesmo Reino: a Igreja encontra-se com o Mundo em tarefas reais e concretas, assumindo ao mesmo tempo o papel de servidora da Humanidade e do Reino. Dizendo doutro modo: também os não-cristãos caminham para o Reino, por outros caminhos muitas vezes, embora eles se cruzem e encontrem. «Constituído Senhor pela sua ressurreição, Cristo, a quem foi dado o poder no céu e sobre a terra, actua já pela força do Espírito Santo nos corações dos homens; não suscita neles apenas o desejo da vida futura, mas, por isso mesmo, anima purifica e fortalece também aquelas generosas aspirações que levam a humanidade a tentar tornar a vida mais humana e a submeter para esse fim toda a terra. Sem dúvida, os dons do Espírito são diversos: enquanto chama alguns a darem claro testemunho do desejo da pátria celeste e a conserva-

ram-no vivo no seio da família humana, chama outros a dedicarem-se ao serviço terreno dos homens, preparando com esta sua actividade como que a matéria do reino dos céus.

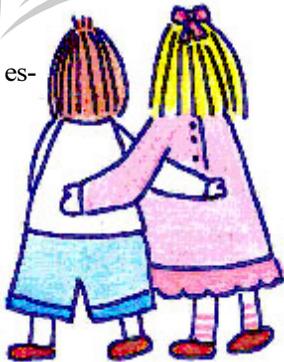
Liberta, porém, a todos, para que deixando o amor-próprio e empregando em favor da vida humana todas as energias terrenas, se lancem para o futuro em que a humanidade se tornará oblação agradável a Deus» (GS 38, 1).

A Igreja não é pois, nunca, uma construção acabada, é uma contínua «construção de Deus» (LG 6). Como escreveu Paulo VI na *Ecclesiam Suam*, «domina-nos a ambição de termos melhor realizada a Igreja de Deus tal qual Jesus a idealizou: una, santa, toda encaminhada à perfeição a que Ele a chamou e de que a tornou capaz. Perfeita no seu conceito ideal, no desígnio de Deus, a Igreja deve-se ir aperfeiçoando sempre na expressão real, na sua existência terrestre. É este o grande problema moral que domina a sua vida».

PADRE ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA

TEMAS DE ESTUDO PARA 2002/2003

O tema de estudo é um dos meios que o Movimento põe à nossa disposição com a finalidade de reforçar e aprofundar os nossos conhecimentos da fé.



Muito mais do que uma actividade intelectual, o tema deve servir-nos como reflexão espiritual, no estudo pessoal, no diálogo em casal, antes da reunião, na troca de impressões e debate de ideias em equipa. O tema provoca na reunião, um confronto de reflexões que deve ajudar no aprofundamento da fé e repercutir-se na vida de cada um e numa forma especial na vivência do casal.

Para o próximo ano pastoral, duas opções podem ser tomadas:

* O tema adoptado pelo Movimento, depois do Encontro de Santiago “Ser Casal Cristão, hoje, na Igreja e no Mundo”.

Vencida a primeira etapa “Ser Pessoa”, coloca-se à vossa disposição o tema “Ser Casal”.

Depois de se descobrir no estudo deste ano o valor e a dignidade da Pessoa Humana, reconhecendo que o homem é pessoa amada e desejada por Deus, que ao trilhar os caminhos do relacionamento com os seus semelhantes pode estabelecer com eles um convívio harmonioso e fraterno, amplia-se agora o nosso horizonte para focalizar o casal na profundidade do seu mistério.

Se há sombras que recaem sobre o Ser Casal há muito mais luzes a iluminar o projecto de Deus a respeito do amor humano entre um homem e uma mulher. Há sinais de alegria e imensas razões para ser mantida a nossa esperança.

* O outro tema é: “Viver em Casal”, extraído e adaptado do livro com igual título do Padre Manuel Iceta, Conselheiro Espiritual de várias Equipas de Nossa Senhora de Espanha.

Depois de prévia autorização, a Equipa Supra-Regional decidiu traduzi-lo e adaptá-lo a um tema de estudo para ser reflectido de preferência por equipas que terminaram a pilotagem e por todas as que tiveram dificuldades no tratamento do “Ser Pessoa”.

Este tema escrito numa linguagem muito simples e muito real entrosa perfeita-

mente na vida do casal e da equipa e trata os seguintes assuntos:

- Amor Conjugal: Impulsos e componentes;
- Amar o que o outro ama;
- O Matrimónio: Sacramento-Vocação-Celebração;
- Psicologia do homem e da mulher no interior do casal;
- Sexualidade em casal. Importância, funções e princípios.

Qualquer dos temas será especialmente aliciante e específico para nós, que fazemos parte de um Movimento que tem como carisma a espiritualidade conjugal, na vivência de uma mística própria, que busca em Deus não só a sua razão de ser mas também a sua realização plena.

“No teu amor por mim, vejo o amor de Deus que vem ao meu encontro; no meu

amor por ti, uno-me ao amor de Deus, que pede emprestado o meu coração para amar.” (Henri Caffarel – *A Missão do Casal Cristão*).

Esperamos que ambos os temas vão ao encontro das vossas necessidades e expectativas, cabendo-lhes a escolha ...

Se não haver qualquer indicação para o Secretariado até 31 de Agosto de 2002, através do casal responsável da equipa, de que pretendem tratar especificamente o tema “Viver em Casal”, ser-lhes-á enviado em princípios de Setembro o tema do ano “Ser Casal”.

Para as equipas que terminaram a pilotagem no corrente ano, ser-lhes-á enviado o “Viver em Casal”, tema mais adaptado à fase da vida de equipa em que se encontram.

TÓ E ZÉ MOURA SOARES

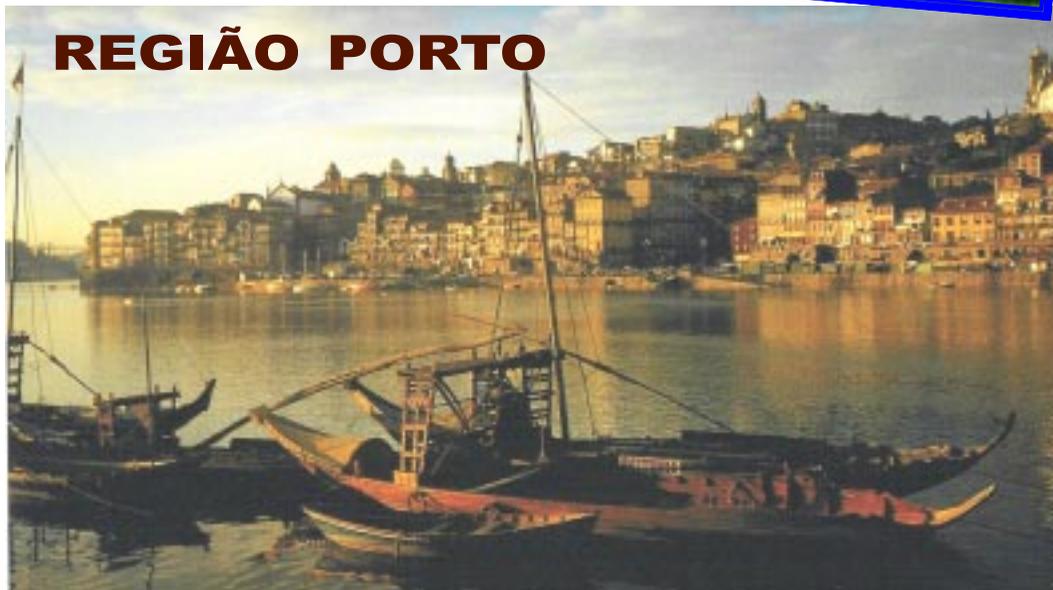
Rostos do Movimento

As nossas saudações!

Somos a Eunice e o Luís Vouga, Responsáveis Regionais do Porto! Chegou a vez de vos falar um pouco sobre a Região Porto e de dar a conhecer os “nossos rostos“ e a actividade que desenvolvemos.



REGIÃO PORTO



A história remota da Região Porto confunde-se com o início do Movimento em Portugal. Não pretendendo fazer um levantamento exaustivo dessa época, que será, por certo, levado a cabo por quem viveu e vibrou com esses momentos, achamos oportuno apresentar alguns dados relevantes para se compreender a evolução do Movimento na nossa Região.

A primeira equipa do Norte formou-se no Porto em Março de 1957, pela mão do

Casal Maria Emília e Manuel Cunha que, após ter tido conhecimento da existência do Movimento em França, através de amigos, foi directamente à fonte, o Padre Caffarel, colher as sementes que decidiu semear na Cidade Invicta. O Bispo da Diocese, D. António Ferreira Gomes, mostrou-se favorável à implantação do Movimento, solicitando aos Casais que lançassem, também, na Diocese, os Cursos de Preparação para o Matrimónio (CPM).

Assim se formou a Porto 1, que rapidamente lançou raízes, de tal modo que, em Dezembro do mesmo ano, se formou uma nova equipa, a Porto 2. Esta jovem equipa, igualmente entusiasmada pelo Movimento e correspondendo ao compromisso assumido, destacou três dos seus Casais para a criação dos CPM e outros três para colaborar com a Porto 1 na expansão das ENS. Graças ao entusiasmo e espírito apostólico destes Casais, novas equipas foram surgindo, na cidade e em variados locais do país: Póvoa, Vila Real, Aveiro, Coimbra ... e até nos Açores e na Madeira, sendo a Ponta Delgada 1 e a Funchal 1 pilotadas a partir do Porto, por correspondência. Igual entusiasmo animava os Casais do Sul, pelo que o Movimento se foi estendendo um pouco por todo o país, a partir das cidades de Lisboa e Porto. Falava-se, então, de Região Sul e Região Norte.

A expansão do Movimento, quer em termos geográficos, quer em número de equipas, levou a que, na década de 60, os responsáveis da “Região Portugal”, o Casal Sousa Guedes (Porto 1), decidissem organizar o Movimento em três regiões: Norte, Centro e Sul.

Os Casais continuaram a ser fermento ... E, tanto assim que em 1986, foi decidido desdobrar a Região Norte, criando-se, deste modo, a Região Porto! O Casal então Responsável pela Região Norte, M.^a Conceição e Luís Marinho, passou a ser o primeiro Casal Responsável pela Região Porto!

À data da sua criação, a Região Porto englobava uma vasta área a sul do Douro que incluía os concelhos de Vila Nova de Gaia, Feira, Ovar, S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Arouca e Vale de Cambra. O fermento continuou a levedar a massa ... e o aumento do número de Equipas nestes concelhos veio a justificar a criação da Região Douro Sul em 1991. A partir de então, a Região Porto ficou restringida à Cidade e concelhos limítrofes a norte – Matosinhos, Maia e Gondomar – incluindo, também, o concelho de Paredes.

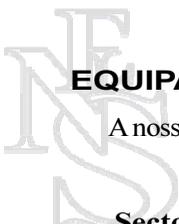
ORGANIZAÇÃO

A Região Porto compreende neste momento 10 sectores: A, B, C, E, F, G, H, I, Maia e Matosinhos, este o sector mais jovem. As Equipas do sector D foram, temporariamente, distribuídas por outros sectores, até à total resolução de alguns problemas logísticos.

As 116 equipas estão distribuídas da seguinte forma:

- Sector A** - 12 equipas (1 em pilotagem);
- Sector B** - 12 equipas (1 em pilotagem);
- Sector C** - 11 equipas;
- Sector E** - 11 equipas (1 em pilotagem);
- Sector F** - 11 equipas;
- Sector G** - 11 equipas;
- Sector H** - 12 equipas (1 em pilotagem);
- Sector I** - 12 equipas (1 em pilotagem);
- Sector Maia** - 16 equipas (5 em pilotagem);
- Sector Matosinhos** - 8 equipas (1 em pilotagem).

Existem ainda 3 equipas em vias de formação.



EQUIPA DE REGIÃO

A nossa Equipa da Região tem actualmente a seguinte composição:

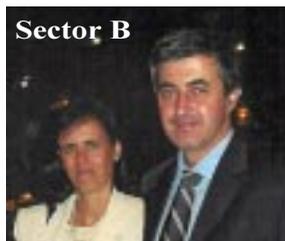
CASAS RESPONSÁVEIS DE SECTOR

Sector A



Sofia e José Carlos dos Santos

Sector B



Margarida
e João Paulo Saraiva

Sector C



Maria José e José Carlos Cunha

Sector E



Maria Guilhermina e Homero Abrunhosa de Brito

Sector F



Maria João e António Archer

Sector G



Maria Amélia e Dionísio Cerqueira Correia

Sector H

Margarida e José Maria de Azevedo

Sector I



Maria Helena (Xú) e João Girão

Sector Maia



Orlanda e Américo Silva

Sector Matosinhos



Maria Odete e José Reis



OUTRAS RESPONSABILIDADES

ECIP



Maria Fernanda e Pedro Alinho

Celebrações



Maria Helena e José Faria

Formação I — Em substituição

Retiros



Maria Isabel e Francisco Serpa Brandão

Pastoral Familiar



Zélia e Miguel Teixeira

Redacção das “Páginas do Movimento”

Temporariamente, assegurada pelo CR da Região

Deixámos propositadamente para o fim (*last but not least ...*) ... o nosso Conselheiro Espiritual, o Frei Bernardo Domingues, que acompanhou o Movimento das ENS em Portugal desde o início e que, com incedível dedicação, se vem desdobran-



do ao longo de mais de quarenta anos, em múltiplas actividades: Conselheiro Espiritual de 6 equipas (incluindo a Porto 2), orientador de numerosas sessões de Formação I e de numerosíssimos Retiros, presente nas nossas celebrações e encontros, sempre atento, sempre disponível, sempre actual, tão próximo, e tão bem acei-

te, pelos mais velhos como pelos mais novos ... é assim o nosso Conselheiro Espiritual!

ACTIVIDADES

A Região é pouco extensa, e apenas os Sectores periféricos – Matosinhos e Maia – agrupam equipas de áreas geográficas distintas. Nestas circunstâncias, as actividades tendem a ser centralizadas, sem prejuízo das iniciativas de qualquer Sector, particularmente dos periféricos.

A Casa Diocesana de Vilar oferece excelentes condições para a maioria das nossas actividades. Construída por beneficiação e ampliação do Seminário de Vilar, graças à notável visão de D. Júlio Tavares Rebimbas, acolhe numerosas Organizações e Movimentos. Dispõe de um excelente auditório, numerosas salas para encontros, reuniões e trabalho e de uma bonita capela, para além de uma capacidade hoteleira de uma centena de quartos.

Nela tiveram lugar este ano:

Eucaristias dos 1.^{os} Sábados – de Outubro a Junho; organizadas e animadas rotativamente pelos Sectores, em que se incluíram a apresentação, no início do ano, das Equipas da Região e dos Sectores, passagens de testemunhos e outros acontecimentos marcantes da Região.

Celebração de Reis/ Ceia partilhada – momento de confraternização e improvisação por equipas formadas aleatoriamente.

Celebração Quaresmal – eucaristia do Domingo de Ramos, com leitura dramatizada do Evangelho e notável participação da assistência.

Formação de Casais Piloto – em 23 e 24 de Fevereiro passado, para Casais das Regiões Norte, Douro Sul e Porto, no âmbito do Novo Esquema de Pilotagem.

Jornadas da Região – em 25 de Maio passado, subordinadas ao tema “Ser Pessoa em Casal num Mundo Global: Violência? Conflito? Harmonia? Ética?”

A Equipa dos Retiros deu o seu melhor na organização de **vários Retiros**, que foram largamente participados.

Houve, também, a exemplo dos anos anteriores, uma **Formação I**, em Avesadas, com participação de Casais das Regiões Norte, Douro Sul e Porto, de que damos, pessoalmente, excelente testemunho!

Os Rostos da Região não ficariam completos sem uma referência especial às **Equipas de Jovens de Nossa Senhora**. Para além das suas actividades próprias, os Jovens são uma presença constante nas nossas celebrações, que animam com as suas vozes e instrumentos e revelam-se sempre disponíveis quando a eles recorremos. Temos por eles uma ternura especial, inteiramente merecida.

PROJECTOS PARA O FUTURO ... JÁ PRESENTE!

Esperamos, sinceramente, que o Movimento cresça na Região, não só em nú-

mero de Equipas, mas também na profundidade da vivência e no comprometimento dos Casais. Importa aumentar a coesão entre esta grande Família e garantir que, nos momentos de partilha todos, sem excepção, se sentem chamados e acolhidos.

Muitos Casais se entregaram, de modo notável, à causa do Movimento: testemunhos extraordinários de pioneirismo, de disponibilidade e de tenacidade, cujo conhecimento nos estimulará e enriquecerá. Esperamos ter a oportunidade de os ouvir e de confrontar gerações diferentes, que, com igual entusiasmo, percorrem alegremente o mesmo Caminho.

É tempo, também, de dar testemunho. Acreditamos que os Casais das ENS, como Cristãos verdadeiramente activos, exercerão, cada vez mais, uma acção evangelizadora no exterior do Movimento, dando assim um pouco do muito que já receberam.

EUNICE E LUÍS GOUVEIA



Este é o endereço do nosso “Site” na Internet.

Aqueles de entre vós que o têm visitado sabem que ainda estamos na Versão 1.0 isto é, a versão que foi originalmente instalada e que, devido às habituais dificuldades de tempo esteve muito tempo sem ser actualizada.

Uma Equipa de voluntários deitou mãos à obra para desenvolver a próxima versão que terá muito mais funcionalidades. Este trabalho vai andando dentro das disponibilidades dos especialistas e esperamos que haja resultados dentro de pouco tempo.

Entretanto não se podia deixar morrer o que foi feito e, por isso, resolvemos dar um pouco de vida ao Site existente. Foram actualizados alguns textos, introduziu-se um formulário para **Comentários** dos visitantes, pôs-se a **Agenda** em dia, disponibilizaram-se os Índices das **Cartas** assim como o texto completo da última Carta e, ainda, se procurou dar **Notícias** actuais e de interesse para os Casais.

A resposta tem sido bastante animadora. Através do sistema de contagem de visitantes que foi activado no final de Maio, tem-se notado um aumento significativo de acessos.

Durante as primeiras 5 semanas tivemos cerca de 1700 visitantes, o que é a prova de que existe uma “clientela”

interessada.

O visitantes do Site ainda hesitam em enviar os seus Comentários e notícias. Responderam apenas uma dúzia e alguns do Brasil e dos Açores.

Lutamos, porém, com escassez de Notícias e de informações para a Agenda. Para que o Site se possa manter actual dependemos muito da vossa colaboração. Fazem-nos falta as vossa críticas, sugestões e notícias. Gostariam de ver abordados alguns assuntos ou temas especiais? Estão disponíveis para uma colaboração regular para uma secção existente ou a criar (por ex. novos livros publicados)?

Aos Casais Responsáveis de Sector e de Região apelamos de modo particular para que nos enviem as notícias do que se passou e vai passar nas suas zonas. Mandem as Agendas das realizações previstas (Encontros, Celebrações, Retiros, etc.) e relatos que aconteceu.

Só com um trabalho de todos e para todos poderemos avançar.

A EQUIPA DA CARTA

ENCONTRO NACIONAL DAS ENS

CONVITE A TODOS OS CASAIS
E CONSELHEIROS ESPIRITUAIS

PROGRAMA

SÁBADO, 23 NOV:

- 10H00 – Acolhimento e instalação nos hotéis
- 11H00 – Celebração de Abertura
- 12H00 – A voz do Movimento
- 15H00 – Painel: Ser Casal Cristão Hoje
- 19H00 – Terço na Capelinha
- 21H30 – Reunião de Equipas Mistas

DOMINGO, 24 NOV:

- 09H30 – Oração da Manhã
- 10H00 – Comunicações sobre:
“Deixaram tudo e seguiram-No”
- 12H00 – Celebração Eucarística
- 13H30 – Almoço

**ANOTEM
JÁ A DATA
NA AGENDA ...**

LOCAL: FÁTIMA

DATA: 23 e 24 NOVEMBRO 2002

TEMA: SER CASAL CRISTÃO HOJE

**PARTICIPAÇÃO NO MÍNIMO DE UM CASAL POR EQUIPA,
MAS PODEM PARTICIPAR TODOS ...**

CUSTO: 100 EUROS POR CASAL

DIA DO SECTOR

Caldas da Rainha

As Equipas de Caldas da Rainha festejaram, a 2 de Junho, o dia do Sector.

Foi organizada uma reunião ao ar livre, dentro do pinhal e, das 13 equipas que integram o Sector, estiveram presentes cerca de 70 pessoas, incluindo os filhos de alguns dos casais. Esteve também presente o Casal Responsável da Região.

A reunião começou de manhã com oração e uma apresentação pelo casal Fontai-

nhas sobre a Carta e outras publicações do Movimento. Estendeu-

-se pela tarde até à celebração da Eucaristia. O programa foi cumprido sem rigidez nem atrasos. A parte lúdica incluiu vários jogos e uma apresentação pela equipa de Alfeizerão, casais e filhos, de uma versão muito divertida da história da Carochinha.



JORNADAS

Centro Litoral



As Jornadas da Região Centro Litoral realizaram-se este ano na cidade de Coimbra.

A Equipa Regional chegou à conclusão

que muitos casais vivem “fechados” na sua equipa. Esta postura empobrece e por vezes distorce de tal forma o modo de

estarem no Movimento que correm o risco, em alguns casos, de se afastarem da sua pedagogia e do seu Espírito.

Com base nesta constatação foi escolhido como tema de reflexão para as Jornadas: **“O que faz andar o Movimento? Digam vocês?”** que foi deliciosamente exposto pelo casal Lena e Jorge Fontainhas.

Durante as equipas mistas os cerca de 70 casais presentes puderam aprofundar alguns pontos desta questão; lançaram propostas concretas para viverem

em plenitude a condição de membros das ENS e deixaram mensagens para os casais que atravessam um momento de isolamento na equipa e não comungam da vida do Movimento.

Como não poderia deixar de ser, houve também tempo para o convívio e para a oração que teve o seu momento alto na Celebração Eucarística preparada com es-

merado cuidado e atenção, sublinhando mais uma vez o tema das Jornadas. As crianças e Jovens mantiveram actividades paralelas orientadas por um grupo de filhos de equipistas contribuindo para o êxito deste dia de encontro e comunhão da Região Centro Litoral.

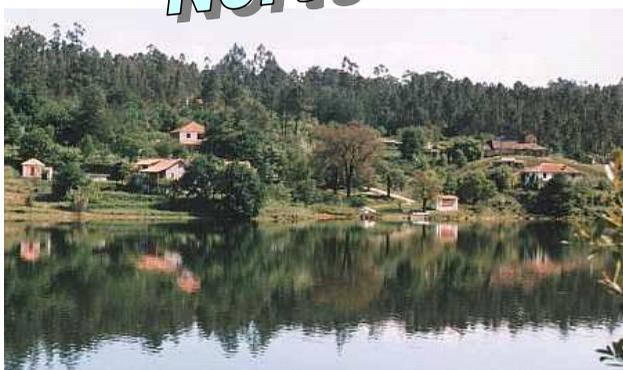
EDUARDA E ÁLVARO GOUVEIA E MELO

ECOS DUMAS JORNADAS

Dia 24 de Maio, Sexta-Feira, dia de chuva contínua, véspera das JORNADAS da Região Norte. O Programa foi cuidadosamente elaborado e o apoio logístico estava preparado. Era indispensável bom tempo para que tudo funcionasse como desejado. Que fazer, pois, para que a nossa esperança vencesse a ameaça? Confiantes, aguardamos o dia seguinte. E o “milagre” aconteceu.

O dia 25 amanheceu com sol. A esperança tornou-se certeza. O almoço podia ser servido debaixo das árvores, num espaço maravilhoso em contacto com a mãe natureza. E assim aconteceu, efectivamente.

Éramos 306 pessoas com um sorriso de boa disposição, dando ao conjunto a graça e a empatia que só uma multidão



de “cristãos de cara lavada” pode proporcionar.

Estavam bem representados todos os Sectores da nossa Região. Unidos pelo mesmo ideal, todos se sentiam movidos pelo mesmo espírito de partilha, comunhão e desejo de encontro com os outros.

Foram muitos os pontos altos, merecendo especial referência a reflexão sobre “O casamento: Um Desafio de Felicidade”, proporcionada pelos casais Cristina/Joe Ribeiro e Leonor/Pedro Pacheco, ambos da Porto 141. Estes jovens casais

conseguiram, com saber e arte, mobilizar a assembleia em interacção permanente. Cada momento da exposição era enriquecido com o testemunho espontâneo de diversos casais da assembleia, tornando a reflexão viva e autêntica, proporcionando a todos a liberdade de sentir de acordo com a sua perspectiva e experiência.

O “Egoísmo” e a “Infidelidade” foram explorados de uma forma viva e prática, com aplicação aos acontecimentos mais comezinhos e simples do dia a dia, os quais, apesar de vulgares e aparentemente insignificantes, podem constituir-se em grandes causas do desentendimento e do desamor.

Não podemos esquecer ainda a alegria no convívio durante o almoço, e momentos seguintes, e a riqueza das reuniões mistas.

A Eucaristia, presidida pelo Sr. Padre Maciel, Conselheiro Espiritual do Sector

da Trofa, e animada por um Grupo de Jovens, serviu de encerramento das Jornadas e teve o brilho de uma celebração-encontro connosco e com Deus, em acção de graças pelas maravilhas que vai operando em cada um de nós.

Fomos entusiastas e alegramos o ambiente, no dizer das Irmãs, maravilhadadas com tanto calor humano.

Para o Sector da Trofa vai o reconhecimento de toda a Região pela generosidade, espírito de serviço e alegria que souberam colocar em todo o trabalho. Tudo estava programado e previsto.

O Espírito Santo e a nossa Padroeira foram uma presença permanente. Todos o sentimos e por isso, no final, nos despedimos mais enriquecidos.

Por tudo seja o Senhor louvado.

DONZÍLIA E FELISBERTO EIRA



Porto

Decorreram no dia 25 de Maio, na Casa Diocesana de Vilar, as Jornadas da Região Porto.

A exemplo de edições anteriores, convidámos uma das nossas Equipas, a Porto 140, para a sua concepção e organização; e foi para nós extremamente

gratificante ver a meticulosidade, o entusiasmo e o carinho com que se dedicaram à tarefa.

O tema escolhido, **“Ser Pessoa em Casal num Mundo Global: Violência? Conflito? Harmonia? Ética?”** tão actual como sensível, e perfeitamente enquadrado nas orientações para o ano em curso, foi tratado por um painel de palestrantes, com formação de base diferente, que nos proporcionaram uma visão multidisciplinar particularmente rica.

“O 11.º Mandamento”- a dimensão ética e moral da violência doméstica” foi o título escolhido pela Dr.ª Teresa Rosmaninho, Psicóloga, do Projecto Inovar (MAI). Com grande clareza e desassombro, confrontou a assistência com a dura realidade dos números de uma violência doméstica crescente, tantas vezes não revelada ou mesmo ocultada, e incentivou os presentes a não ignorar atitudes que caem actualmente no foro criminal.

“Casamento e conflictualidade”- assim chamou o Dr. Manuel Bartilotti Matos, Psiquiatra, à sua intervenção, baseada na vasta experiência clínica que acumulou neste campo, e que confrontou animadamente com a assistência e a prelectora anterior.

“DesEncontros em harmonia” – o testemunho do Casal Zélia e Miguel Teixeira (Porto 47) sobre as suas profundas diferenças de temperamento, personalidade e gostos e a sua integração harmoniosa na vida do casal e de toda a família

conquistou a assistência, pelo conteúdo e pelo humor da exposição, e trouxe nova esperança aos Casais que ainda não fizeram das suas diferenças oportunidades de enriquecimento ...

“A Moral Conjugal e Familiar: projecto de realização humana“- Coube ao Padre Dr. João Ribeiro encerrar o tema com uma intervenção de grande interesse e profundidade, que esperamos poder oferecer em breve.

Seguiu-se um animado debate, prejudicado apenas pela necessidade de cumprir o horário.

O Casal Guilhermina e Homero Abrunhosa de Brito deram ainda um pequeno, mas convincente testemunho sobre o “Tempo de Esperança”.

Após a Celebração Eucarística, tiveram lugar as Reuniões Mistas, que, uma vez mais, não desiludiram os Casais que delas tinham boas recordações e foram uma experiência surpreendente para os Casais estreados.

As Jornadas valeram a pena, na opinião de todos os presentes. Pensamos que os ausentes, se lá tivessem estado, teriam opinião concordante. Sentimos a sua falta ... mas esperamos-los para as próximas!

Parabéns e obrigado aos palestrantes!

Parabéns, Porto 140! Sois *Mestres em Organização!*

EUNICE E LUÍS VOUGA

Amigos,

Esta é uma pequena nota de regozijo, um olhar envolvente de carinho por todos e de louvor ao Senhor.

Foi com imensa alegria que realizámos a festa de encerramento da Região Sul, em Quarteira no passado dia 25 de Maio; alimentávamos o desejo de receber com um olhar fraterno e um sorriso mensageiro da von-



Sul

participação de todos, onde verdadeiramente todos tocássemos melhor o Deus presente em cada outro e O saboreássemos” tão perto”, tão simples, tão companheiro na barca.

Tivemos a bênção de ter connosco ao longo do dia o nosso Bispo, pastor e amigo, a quem agradecemos a disponibilidade.

Pensamos que, neste dia, a aragem marítima foi uma brisa suave com que a Mãe do céu acariciou cada um ao Seu jeito, como só Ela sabe.

Gostávamos de tecer um louvor pela vontade de sair do comodismo e da vida bem programada, para entrarmos na mesma barca,

ousando, traçar objectivos comuns, estar em equipa e semear o Reino!

A todos abraçamos recordando como “é bom estar na mesma barca” e tentar na forma como vivemos, como rezamos ou comemos, como bebemos, cantamos e amamos, como nos distraímos e trabalhamos, tornar O Amor visível!

LÍGIA E LUÍS ROMÃO



tade de partilhar a vida, todos os “visitantes; graças a Deus vieram muitos casais: é a diversidade que nos enriquece! (estiveram presentes 72 casais e 5 individuais)

O mote para o dia foi “É bom estar na mesma barca”: a barca da equipa, da Igreja, do mundo!

Quisemos que o encontro fosse iniciado com uma oração sem pressas e com a

COLÉGIO DA ERI

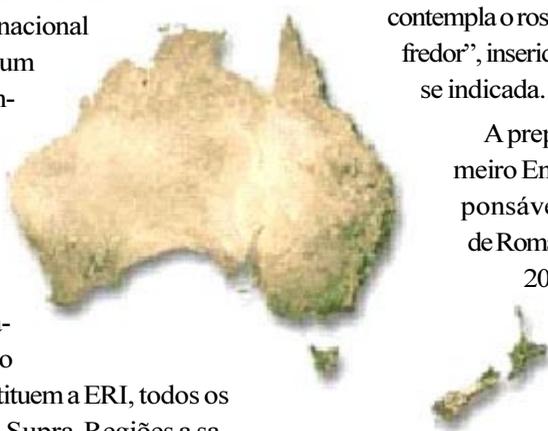
Austrália.



Realiza-se na Austrália, em Melbourne, a reunião do Colégio ERI, de 22 a 27 de Julho de 2002.

Dentro da rotatividade que a ERI implementou, de forma a que estas reuniões se realizem nas diversas Supra-Regiões, só agora foi possível – sobretudo devido a problemas de distância – corresponder ao desejo manifestado pela Supra-Região da Austrália de realizar o Colégio Internacional no seu país, que é um verdadeiro continente, e tem cerca de 200 equipas de Nossa Senhora.

Estarão presentes, além dos casais e Conselheiro Espiritual que constituem a ERI, todos os Responsáveis das Supra-Regiões a saber: França, Brasil, Espanha, Portugal, Itália, Bélgica, EUA, Hispano-América, Grã-Bretanha e Austrália. Foram ainda convidados metade dos casais responsáveis das Regiões Independentes e ligados directamente à ERI: este ano, Líbano, Alemanha, Índia, Irlanda e Ilha Maurícia.



O tema central deste Colégio será “O Casal vive a aliança em Cristo” que encontra a sua fonte na trilogia seguinte”

* “Faz-te ao Largo”

* “Segundo a Tua Palavra, eu vou lançar as redes”

* “Deixaram tudo e seguiram-No”

À Supra-Região de Portugal caberá a comunicação sobre “O Casal contempla o rosto de Cristo Sofredor”, inserida na última frase indicada.

A preparação do primeiro Encontro de Responsáveis Regionais de Roma, em Janeiro de 2003, será objecto de tratamento

especial bem como os temas preparados pelas equipas satélites.

Será um tempo de oração, reflexão e debate sobre as grandes orientações do Movimento para os próximos anos.

ACTIVIDADES PARA 2002/2003

ANO DA RENOVAÇÃO E DA EXPANSÃO

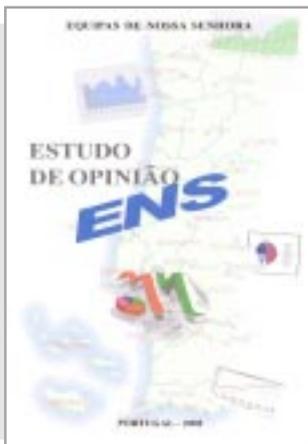
OBJECTIVOS

- ❖ IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO MODELO DE PILOTAGEM
- ❖ DIFUSÃO E EXPANSÃO DO MOVIMENTO
- ❖ DINAMIZAÇÃO DOS SECTORES
- ❖ REESTRUTURAÇÃO DO SECRETARIADO

PROGRAMA DE ACTIVIDADES

- ❖ SESSÃO DE ACTUALIZAÇÃO DE PILOTOS 5-OUT-2002
- ❖ SESSÃO DE FORMAÇÃO II 1-OUT a 3-NOV-2002
- ❖ ENCONTRO DE CONSELHEIROS ESPIRITUAIS 22 e 23 -NOV-2002
- ❖ ENCONTRO NACIONAL DAS ENS 23 e 24-NOV-2002
- ❖ ENCONTRO DE EQUIPAS DE SECTOR 22 e 23-FEV-2003

- ❖ ENCONTRO EQUIPAS NOVAS
 - TORRE DE AGUILHA/SUL — 19 e 20 OUT-2002
 - FÁTIMA — 16 e 17 NOV-2002
 - PORTO — 30-NOV e 1-DEZ-2002
 - (FORMADORES) FÁTIMA — 29 e 30-MAR-2003
 - LISBOA — 17 e 18-MAI-2003
 - PORTO — 31-MAI e 01-JUN-2003



Publicamos este mês, em separata, a análise preliminar dos resultados do Estudo de Opinião que o Movimento efectuou este ano. Trata-se de uma compilação dos números mais representativos e que serão certamente de interesse para todos os membros do nosso Movimento.

Os resultados completos estão a ser compilados e analisados e constituirão um valioso instrumento de trabalho para os corpos responsáveis do Movimento das Equipas de Nossa Senhora.

Congresso Nacional da Família

**Culturgest
Lisboa**
10 a 12 de Outubro de 2002



Para celebrar os 20 anos da publicação da Exortação Pastoral “Familiaris Consortio” de João Paulo II, decidiu a Conferência Episcopal Portuguesa realizar o **Congresso Nacional da Família** sobre o lema “**Família, faz-te ao largo**”, expressão colhida da Carta Apostólica “Novo Millennio Ineunte”.

O Congresso, que se realiza a 11 e 12 de Outubro de 2002 na Culturgest — Caixa Geral dos Depósitos, em Lisboa, terá a participação activa de representantes das diversas instâncias da Pastoral Familiar nas Dioceses, dos vários movimentos pastorais e das organizações da sociedade que se preocupam com as estruturas da Família.

O apoio logístico do Congresso será assegurado pelo nosso movimento que participa assim com toda a alegria num tão importante acontecimento para a Família.

Contactos:

Tel. 217 931 435, Fax 217 954 212, e-mail pastoralsaude@mail.telepac.pt